



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

COMEÇANDO A SER PROFESSOR: UMA EXPERIÊNCIA COM O PIBID

Willian Jesus da Silva¹;

UEMS - Caixa Postal: 79750-000; ¹Bolsista de Início à Docência da UEMS; e-mail: williamjesusdasilva@gmail.com;

Como acadêmicos de Matemática da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- Unidade de Nova Andradina estamos vivenciando a experiência de sermos pibidianos.

O [Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência](#) (PIBID) é coordenado pela Fundação Capes e tem por objetivos:

Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;

Contribuir para a valorização do magistério;

Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;

Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;

Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e

Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

EXPERIÊNCIA COM O PIBID

Enquanto se está apenas estudando, consultando livros, fazendo anotações e os intermináveis cálculos que sempre aparecem em um curso de licenciatura como matemática, não nos damos conta de teoria que o curso se baseia, mas também de prática. O PIBID nos apresenta de maneira sutil, se assim podemos dizer, como essa prática funciona tanto em seus aspectos positivos (nos quais podemos tomar coisas construtivas), quanto os negativos (onde podemos encontrar soluções para os mesmos).

Com base nisso, como um acadêmico ingresso no PIBID, depois de ter tido alguns meses de experiência enxerga toda essa prática proposta, sendo que ele olhava apenas como educando e não como educador?

Tudo que acontece pela primeira vez não é fácil. E com o PIBID não esperávamos que fosse diferente.

A primeira coisa que notamos foi a simpatia da professora supervisora. Ela sempre nos tratou com uma educação maravilhosa, e também nos dava a liberdade que fosse possível para a elaboração de nossos projetos. A instituição em si também foi muito receptiva, sempre nos atendendo em momentos nos quais precisávamos de materiais. No caso materiais didáticos para a elaboração das oficinas, que serão tratadas posteriormente.

Quando entramos pela primeira vez em sala de aula, nesse caso não mais como alunos apenas, a primeira coisa que nos damos conta é de que a confiança dos alunos é uma coisa importante a ser conquistada. Os olhares de quem sente o seu espaço invadido revelando o desejo de um certo distanciamento pode dificultar no início do trabalho.

Mas, como poderíamos resolver esse primeiro problema? Como podemos nos apresentar como estagiários se parece que não nos querem?

O problema estava o tempo inteiro em nossa frente, e não enxergávamos: o termo estagiário. Ele carrega um quê de superioridade que não percebemos no início. Qual a

solução? Como romper essa barreira de preconceito? Como mostrar-se amigo? Como ter uma presença que convida e não que exclui?

Apresentar-nos como um amigo que tenta ajudar, se tornou uma ideia agradável. Quando íamos conversar com eles, a primeira coisa era se tornar o mais natural possível, mais humano. Falar com a mesma tranquilidade com que fazemos com qualquer outra pessoa próxima a nós. O simples fato de que quando o aluno nos apresenta um erro, não julgar como algo depreciativo, mas sim como algo a melhorar. Dizer que ele é capaz de fazer mais, ser mais produtivo, mostrando o caminho para se chegar ao êxito.

Mas não é somente em relação aos erros deles que tentamos amenizar a situação, os nossos também estão inclusos. Aquele momento em que se esquece, ou falamos algo equivocado. Como resolver? Transformar algo desconcertante e cômico. Por que não podemos rir de nossos erros? Partimos do pressuposto que o erro sendo tratado como algo banal que pode ser vivido e corrigido ajuda o aluno que não será isso que irá barrar seu conhecimento em sua conquista de conhecimento.

Depois de um tempo, foi constatado que eles levantavam as mãos para nos chamarmos e também a nos chamar pelos nomes, o que nos trouxe uma leve satisfação de que um bom trabalho ainda estaria no início.

As oficinas

Dentro de sala de aula, juntamente com a professora, era difícil propor atividades para os alunos por causa de diversos fatores, principalmente pelo fato de não haver tempo entre as aulas da professora, por ela já ter seus próprios projetos planejados. Então a saída que tivemos foram as oficinas. Um dia na semana reservado especialmente para juntarmos os alunos e propor situações nas quais eles não apresentados na aula comum de matemática. Sentirmos ainda mais próximos deles era a característica que mais nos chamava a atenção, no caso um momento que ocorria apenas uma vez por semana.

Com um breve resumo, temos o que foi proposto em algumas oficinas:

- 1) A primeira oficina se dedicou apenas a elaborar uma boa discussão sobre o assunto: “Por que aprendemos matemática nas escolas?”. O intuito não era mostrar para eles a importância de aprendermos matemática, mas sim ouvir a opinião de cada um. O objetivo principal da oficina era fazer com que eles se descontraíssem, mostrar o poder que sua voz pode ter e conversar, estreitando o vínculo que já tínhamos com eles. Consideramos que foi um sucesso.

Na segunda oficina nos propusemos a apresentar o Tangram, mas de uma forma diferente. Não entregamos o Tangram já confeccionado, mas sim os desafiamos a construir o seu próprio através de dobraduras. O trabalho manual nos mostrou como atividades concretas chamam a atenção do aluno, além de usar aquilo que produziram para estudar. Novamente nos pareceu que a oficina teve bons resultados

- 2) Na terceira oficina, usamos o conceito de medidas de comprimento. Nessa oficina em especial exigiu muita concentração por parte dos alunos pois, além de exercícios mentais, também foram necessários exercícios físicos. Os objetivos principais da oficina foram: apresentar diversas medidas de comprimento num contexto real e entender porque temos diversos tipos de medidas e quando as utilizamos. A atividade proposta foi a de medir metade da quadra de esportes da instituição usando duas medidas diferentes: o metro e o centímetro. Um aluno ficou responsável e medir uma metade da quadra usando uma régua de um metro de comprimento, e outro aluno usou uma régua de trinta centímetros. A pergunta era: Qual aluno conseguirá terminar primeiro? Após conseguir resultados satisfatórios e ver o contentamento por parte dos alunos, elaboramos uma última atividade que era medir todo o perímetro da quadra de esportes, mas por meio de uma competição entre dois grupos, para ver quem conseguisse chegar um resultado mais aproximado. Essa atividade demorou intensos minutos até que por parte deles e somente por parte deles, usassem conceitos de geometria para facilitar a medição, no caso as particularidades do retângulo, como os dois lados maiores com a mesma medida, e os dois lados menores também tendo entre eles a mesma medida.

Era maravilhoso ver por parte dos alunos a satisfação em querer participar das oficinas, além de convidar mais alunos e nos estimularem a pesquisar por atividades ainda mais criativas.

Após conversar com a professora de propor aos alunos que quando for mostrado a teoria dentro de sala de aula, imediatamente, propor uma forma prática de se aprender aquilo, como outra forma de compreensão, veio por parte dela uma ideia muito interessante para ser realizado juntamente com as suas aulas: “Por que não levar as oficinas também para dentro da sala de aula?”. O que de certa forma se tornou concreta, e a partir do segundo semestre, tentaremos apresentar, pelo menos, uma vez por mês uma atividade que possa envolver não somente alguns alunos que participam das oficinas, mas sim todos!

CONCLUSÕES

Ter tido o contato com os alunos nos mostrou o quanto a função do professor é de suma importância. A quantidade de dedicação que deve ser usada é enorme, pois estamos nos envolvendo com seres humanos, pessoas. Estamos moldando uma criança ou um adolescente para estar pronto, se assim pode ser dito, para todas as exigências impostas pela sociedade para que ele possa ter uma melhor condição de vida possível.

Se envolver e trabalhar com pessoas não é fácil, com elas estamos sempre expostos à vários tipos de caráter e de personalidades, testando nossa capacidade mental e física ao extremo. O que de fato pode ser estressante, mas a satisfação que temos ao saber que algo de bom foi passado para outros, que conhecimento não foi aprisionado mas sim compartilhado, faz com que nossa sociedade evolua pois ela, mesmo que não queiramos admitir, é egoísta e mesquinha, deixando o próximo por conta própria.

Ter em mente também o quão é débil o ensino brasileiro, que se aprisiona apenas em coisas tradicionais e não se arrisca em abordagens mais ousadas. O que custa elaborar soluções-problema que melhorem a qualidade do aprendizado? A resposta sempre é a mesma.... Tempo, tempo e tempo.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa concedida.